

O IMPÉRIO DOS ÍNDICES: NARRATIVA E LÓGICA INDICIÁRIA EM OS *CRIMES ABC*, DE AGATHA CHRISTIE

Ricardo Antonio Marini¹
Saulo Gomes Thimóteo²

INTRODUÇÃO

Planeja-se estruturar o presente estudo, ainda em estágio inicial, a partir da hipótese de que, nas narrativas do gênero policial, ocorre uma acentuação da imprescindibilidade dos índices.

Conceituados por Roland Barthes em *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa* (2011, p. 35), os índices são unidades narrativas que contêm significação implícita e demandam do leitor uma atividade de decifração.

É exatamente esta abertura dos índices que garante ao leitor do romance policial uma experiência de leitura dúplice, de natureza lúdico-literária.

Com base na classificação dos jogos elaborada por Roger Caillois, resolve-se denominá-la leitura mimética. Afinal, o leitor concomitantemente acompanha o avanço da investigação e mimetiza o detetive na aplicação da lógica indiciária para a resolução do mistério proposto.

Noção desenvolvida por Carlo Ginzburg em *Mitos, emblemas, sinais*, a lógica indiciária vale-se do exame de pormenores e minúcias como método privilegiado para a compreensão de determinada realidade.

Para Ginzburg, a lógica indiciária consolida-se como o método predominante nas ciências humanas ao final do século XIX e início do século XX. Tal é justamente o período de surgimento e popularização do romance policial.

Vários dos mais célebres detetives do referido gênero empregam a lógica indiciária para a identificação do criminoso. Dentre eles, pode-se mencionar Hercule Poirot, o protagonista do corpus selecionado neste trabalho: *Os Crimes ABC*, de Agatha Christie.

Dessa forma, este estudo visa responder ao seguinte problema: de que maneira os índices, unidades narrativas cuja incompletude possibilita ao leitor colocar-se na posição de detetive para aplicar a lógica indiciária, contribuem decisivamente para a construção narrativa de *Os Crimes ABC*?

Relacionado a esse problema, postula-se o objetivo geral de examinar de que modo os índices presentes na estrutura narrativa de *Os Crimes ABC* promovem uma leitura mimética, na qual o leitor não apenas acompanha a investigação, mas também se coloca no papel do detetive, formulando suas próprias suposições acerca da identidade do criminoso através da lógica indiciária.

Por último, é pertinente ressaltar que, nada obstante o imenso êxito comercial de suas obras no Brasil, poucos são os estudos acadêmicos dedicados a Agatha Christie.

¹ Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) – da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Chapecó. marini@estudante.uffss.edu.br

² Doutor. Orientador. Professor do Curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Realeza, e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da mesma instituição, *Campus* Chapecó. saulo.thimoteo@uffs.edu.br

Levantamento realizado por Michely Vogel, docente em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF), demonstra a módica atenção dispensada à escritora inglesa no meio acadêmico:

Uma busca por Agatha Christie na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações brasileiras (BDTD) chega a dez resultados, ao passo que se encontram 121 trabalhos para Allan Poe e 49 para Harry Potter, numa tentativa de comparação tanto com o pai da ficção policial (HARROWITZ, 2014), como com um sucesso editorial britânico. (Vogel, 2021).

Entretanto, na condição de porta de entrada para a Literatura de milhões de jovens ao redor do globo, defende-se a viabilidade e a relevância do gênero policial como um objeto que demanda estudo científico.

1 METODOLOGIA

Classifica-se a pesquisa como de tipo teórica, de natureza qualitativa e de fins descritivos.

A escolha do corpus, *Os Crimes ABC*, de Agatha Christie, justifica-se pelo fato de o romance ter sido publicado em 1936, período clássico da autora, segundo a classificação de Osborne (2001, p. 8), no qual seu modo de construção narrativa se encontra plenamente consolidado.

Objetiva-se empregar o método hipotético-dedutivo para realizar o que provisoriamente se denomina de leitura indiciária de tripla dimensão.

Respeitando a divisão em capítulos, esta leitura consistirá em buscar parágrafo por parágrafo: (i) os momentos nos quais resta evidente que o mistério não pode ser solucionado por pistas evidentes; (ii) os índices presentes na narrativa; e (iii) a compreensão de como os índices são fundamentais para o engajamento do leitor.

Esclarece-se que a discriminação individual dos índices será feita com fundamento na conceituação barthesiana. Para confirmar sua identificação, os trechos considerados índices serão confrontados com a definição de informações, igualmente unidades integrativas, mas que ao contrário dos primeiros trazem um conhecimento pronto, sem a necessidade de colmatação de lacunas.

Completada a separação dos índices, estes serão categorizados em duas espécies: índices centrífugos, que afastam o leitor da resposta, e índices centrípetos, que aproximam o leitor da resolução do mistério.

Tal classificação, importa sublinhar, não implica qualquer avaliação axiológica. Reputam-se ambos igualmente importantes para a construção do texto, uma vez que a tessitura narrativa se constitui através desses avanços e recuos.

Em seguida, será realizada a leitura de capítulos diversos com a exclusão dos índices, de maneira a demonstrar como estes são fundamentais para instar os leitores a mimetizarem o herói e aplicarem eles mesmos o método indiciário adotado por Hercule Poirot no processo de leitura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sem jamais olvidar a lição de Ferdinand de Saussure (2004, p. 15), para quem “[...] é o ponto de vista que cria o objeto”, pretende-se apoiar o exame do

corpus em um referencial teórico simultaneamente diverso e coerente, de forma a abordar o objeto de análise sob distintos ângulos.

Com base na classificação bakhtiniana entre gêneros do discurso primários e secundários, planeja-se partir da premissa de que o gênero romance policial integra o grupo dos gêneros secundários. Ou seja, é um conjunto relativamente estável de enunciados surgido em condições culturais dotadas de maior complexidade e que em sua composição incorpora os gêneros primários, os quais, em contrapartida, se formam nas condições da comunicação discursiva imediata (Bakhtin, 1997, p. 263).

Assim sendo, a investigação terá início com o desenvolvimento histórico do gênero discursivo romance policial e com uma visão geral de suas principais características.

A parte histórica objetivará integrar duas perspectivas. A primeira consiste na visão de *longue durée* do surgimento do romance proposta por Mikhail Bakhtin em *Epos e Romance*. Para Bakhtin (1997, p. 428), é a partir do Renascimento que o romance, cujos germes já se encontravam no gênero sério-cômico da Antiguidade, encontra as condições adequadas para desenvolver-se com todas as suas potencialidades.

De outro lado, ancorado em *Mito, emblemas, sinais*, de Carlo Ginzburg, considera-se que a silenciosa consolidação do paradigma indiciário nas ciências humanas, ao final do século XIX, propiciou a conjuntura histórico-epistemológica apropriada para o nascimento e a popularização do gênero romance policial.

Como observa o historiador italiano, o método de resolução adotado por Sherlock Holmes é justamente o método indiciário:

Essa comparação foi brilhantemente desenvolvida por Castelnuovo, que aproximou o método indiciário de Morelli ao que era atribuído, quase nos mesmos anos, a Sherlock Holmes pelo seu criador, Arthur Conan Doyle. O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria. Os exemplos da perspicácia de Holmes ao interpretar pegadas na lama, cinzas de cigarro etc. são, como se sabe, incontáveis. (Ginzburg, 1989, p. 145).

Ginzburg demonstra como Holmes, em diversos momentos, “dá uma de Morelli” (Ginzburg, 1989, p. 145), em referência ao crítico de arte italiano Giovanni Morelli, considerado como um dos pioneiros na articulação das premissas gerais do método indiciário (Ginzburg, 1989, p. 144), ao defender que a identificação da autenticidade das pinturas deveria se basear não na observação dos elementos mais evidentes aos olhos, mas sim de seus aspectos menos vistosos.

Ressalte-se, ademais, que a conexão entre Conan Doyle e Morelli é direta, uma vez que ambos se encontraram em 1887, graças à intervenção do tio do autor britânico, à época diretor da Galeria de Arte de Dublin (Sharrock, 2019).

No percurso dessa breve evolução histórica, é ainda pertinente destacar que Agatha Christie era ávida apreciadora das histórias de Sherlock Holmes (Osborne, 2001, p. 5). E a leitura da série Poirot permite concluir que o detetive belga é ainda mais dependente do método indiciário do que Holmes para a resolução dos mistérios, tendo em vista sua frágil compleição física.

Por sua vez, no concernente às características do gênero policial, serão primeiramente apresentados os *Dez Mandamentos da Detecção*, elaborados por Ronald Knox, e os apontamentos de Tzvetan Todorov na clássica *Typologie du*

roman policier, em que se identificam duas histórias nessas narrativas: a história do crime e a história da investigação do crime.

A segunda deve esclarecer a primeira e é essa necessidade de aclaramento do crime por meio da investigação que explica o estilo neutro e simples das obras do supracitado gênero (Todorov, 1978, p. 13).

No que se refere a Agatha Christie, por apresentar não apenas os principais fatos de sua vida, como também por acompanhar cronologicamente a bibliografia da autora, escolhe-se a biografia *The life and crimes of Agatha Christie*, de Charles Osborne.

A análise propriamente dita da materialidade textual do corpus terá como referência central *A Introdução à Análise Estrutural das Narrativas*, de Roland Barthes. Nesse artigo, o escritor francês distingue três níveis descritivos na obra narrativa: nível das funções, nível das ações e nível da narração (Barthes, 2011, p. 27).

As funções são as menores unidades dotadas de significado e subdividem-se em diversas espécies, dentre as quais se encontram os índices. Estes implicam uma atividade de deciframento por parte do leitor: “Os índices implicam uma atividade de deciframento; trata-se, para o leitor, de aprender a conhecer um caráter, uma atmosfera; os informantes trazem um conhecimento já pronto.” (Barthes, 2011, p. 35-36).

Considera-se que, no gênero policial, há um realce da relevância dos índices, uma vez que por meio dessas unidades narrativas ocorre a promoção de um exercício de deciframento por parte dos leitores.

Neste sentido, com base na classificação dos jogos estabelecida por Roger Caillois em *Os Jogos e os Homens* (2017, p. 47), pode-se afirmar que a construção narrativa presente no romance policial insta o leitor a estabelecer uma relação lúdica do tipo simulacro-agonístico com o texto. De um lado, mimetiza-se o procedimento indiciário adotado pelo protagonista, de outro, compete-se para chegar à resposta correta antes do *grand finale*.

3 ANÁLISE

Em virtude do estágio embrionário do estudo, propõe-se uma breve exposição de como ocorrerá a análise.

Primeiramente, discrimina-se um excerto que evidencia a necessidade de aplicação do método indiciário para a resolução do crime: “Sim, a pista. É sempre a pista que o atrai. É uma lástima que ele não tenha fumado um cigarro e pisado na cinza com um sapato de padrão incomum. Oh, não, ele não é tão solícito.” (Christie, 2003, p. 74, tradução nossa).

Em tom irônico, Hercule Poirot recrimina seu fiel escudeiro e narrador da história, Arthur Hastings, por focar apenas nos aspectos visíveis. É possível, portanto, concluir que, para o detetive belga, a chave para a resolução do problema encontra-se nos pormenores frequentemente ignorados pelo observador médio, que, tal qual Hastings, tende a dirigir a atenção apenas ao que salta aos olhos.

A abertura para que o leitor mimetize a lógica indiciária adotada por Poirot é justamente conferida pelos índices.

A título exemplificativo, apresenta-se a seguir um índice: “Franz Ascher era, de fato, um tipo patético, de aspecto nada atraente. Choramngava, alternando

servilidade e bravatas. Seus olhos turvos moviam-se de um rosto para outro, sem se fixar em nenhum.” (Christie, 2003, p. 37, tradução nossa).

No trecho supramencionado, Hastings descreve o marido da primeira vítima, a sra. Alice Ascher.

Embora, a princípio, pareça tratar-se de mera informação, o excerto é mais bem classificado como índice. Afinal, a caracterização do cônjuge, pessoa sobre a qual costumam recair as suspeitas do crime, leva o leitor a uma atividade de deciframento, na medida em que o seu aspecto patético não parece se coadunar com um instinto homicida.

Cabe assim ao leitor, como em um quebra-cabeça, através do manuseio das pequenas peças compostas pelos índices, formar logicamente um quadro psicológico que permita a identificação do suspeito.

A atividade de leitura, portanto, instaura o que, nos termos da classificação de jogos de Roger Caillois, poder-se-ia denominar jogo agonístico-mimético, em que simultaneamente se compete para chegar a uma resposta antes da revelação da identidade do criminoso (*agon*) e se imita o método indiciário do detetive protagonista (*mimicry*).

CONCLUSÃO

No célebre artigo *Who cares who killed Roger Acroyd?*, o crítico Edmund Wilson afirma que, dada a escassez de papel à época da 2ª Guerra Mundial, não se deveria desperdiçar esse recurso finito na impressão de romances de detetive (Wilson, 1945).

Possivelmente, a já observada discrepância entre popularidade comercial e baixa inserção acadêmica de Agatha Christie é explicada por essa reputação tradicional do gênero policial como inferior.

Todavia, como pontua Ernest Mandel, a novela detetivesca é indubitavelmente um fenômeno social, haja vista que “[...] milhões de pessoas em dezenas de países em todos os continentes leem histórias de crime” (Mandel, 1984, p. 6).

Ademais, a estrutura de tais obras é muito mais complexa do que à primeira vista pode parecer, sendo composta por duas histórias: a história do crime e a história da investigação do crime (Todorov, 1978, p. 11).

Defende-se, destarte, a necessidade de estudos aprofundados sobre romances policiais como *Os Crimes ABC*, para uma melhor compreensão desse fenômeno cultural de massa.

Planeja-se assim proceder a uma análise que propõe investigar a construção narrativa da referida obra e o contexto histórico-epistemológico que permitiu a popularização do gênero a qual ela pertence.

Tal preocupação reflete-se nos objetivos específicos que a seguir são elencados: (i) descrever, em linhas gerais, as condições histórico-culturais que permitiram o surgimento e popularização do gênero policial ao final do século XIX e início do século XX; (ii) apontar os elementos típicos do gênero policial à época da publicação de *Os Crimes ABC*; (iii) identificar a presença dos índices em excertos específicos de *Os Crimes ABC*; e (iv) esclarecer, na obra em análise, a importância dos índices para a construção de uma narrativa que envolve o leitor em um jogo de natureza lúdico-literária.

Em virtude da prematuridade da investigação, não se podem apontar para resultados ou conclusões definitivas.



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

Sabe-se, é verdade, com base nas contribuições de Johan Huizinga (2019, p. 7), que a cultura surge a partir do jogo, motivo pelo qual todas as manifestações culturais – inclusive a literatura – conservam caráter lúdico.

Contudo, vislumbra-se que a centralidade conferida aos índices é elemento narrativo fundamental para garantir ao romance policial, em comparação com outros gêneros literários, um aspecto lúdico mais acentuado, tornando possível ao leitor tanto competir para chegar a uma resposta correta antes do final como mimetizar a lógica indiciária por meio da qual o detetive protagonista opera.

Espera-se contribuir, ainda que modestamente, para uma maior visibilidade do romance policial na academia, em particular na interseção das disciplinas da narratologia, dos estudos linguísticos, da semiologia e da teoria literária.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance). In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 397-428.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 261-269.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19-62.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CHRISTIE, Agatha. **The ABC Murders**. Londres: PerfectBound, 2003. E-book.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva S.A., 2019.

MANDEL, Ernest. **Delightful murder: a social history of the crime story**. London: Pluto Press, 1984.

OSBORNE, Charles. **The life and crimes of Agatha Christie**. New York: St. Martin's Press, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

STERLING, Bruce. **The Ronald Knox "Ten Commandments of Detection" (1928)**. Disponível em:



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

<https://bruces.medium.com/the-ronald-knox-ten-commandments-of-detection-1928-52c968c36ccb>. Acesso em: 29 abr. 2026.

SHARROCK, Christopher. **Giovanni Morelli and connoisseurship**. Medium, 2019. Disponível em: <https://medium.com/@plus4/giovanni-morelli-and-connoisseurship-395156ed3d90>. Acesso em: 29 abr. 2026.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. O misterioso caso da pesquisa brasileira sobre Agatha Christie. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 32, n. 63, p. 151-170, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/61435/37585>. Acesso em: 22 abr. 2026.

TODOROV, Tzvetan. Typologie du roman policier. In: TODOROV, Tzvetan. **Poétique de la prose**. Paris: Éditions du Seuil, 1971. p. 9-19.

WILSON, Edmund. **Who cares who killed Roger Ackroyd?** The New Yorker, Nova Iorque, 20 jan. 1945. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/1945/01/20/1945-01-20-059-tny-cards-000015610>. Acesso em: 24 abr. 2026.